



VOLUME - V.1  
NÚMERO - N.2  
MAR. - 2023  
ISSN:  
P.147-166

## ENTREVISTA

### CUTI E SEU "AXÉCONCHEGO"<sup>1</sup>

MARIA DOLORES SOSIN RODRIGUEZ <sup>2</sup>

JORGE AUGUSTO <sup>3</sup>

I. Maria Dolores: No último capítulo/seção do livro *Axéconchego em face do fuzuê* (ORGANISMO, 2020), o "Aventura de Amar", o poeta apresenta cenas constantes sobre a aparição do amor como algo de onde as pessoas parecem desejar fugir. Há sempre um diálogo com alguém que aparenta estar receosa/ receoso,

---

<sup>1</sup> Cuti é pseudônimo de Luiz Silva. Nasceu em Ourinhos-SP. Formou-se em Letras (Português-Francês) na Universidade de São Paulo, em 1980. É Mestre em Teoria da Literatura (1999) e Doutor em Literatura Brasileira (2005), pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Foi um dos fundadores e membro do Quilombhoje-Literatura. De 1983 a 1994, e um dos criadores e mantenedores dos Cadernos Negros, de 1978 a 1993, série na qual publicou seus poemas e contos em quarenta e um dos quarenta e dois volumes lançados até 2019. Com mais de vinte livros autorais, sua obra abarca gêneros poesia, conto, ensaio e teatro. Somam-se, em coautoria, cinco livros e um CD de poemas, além de textos publicados em várias antologias no Brasil e no exterior.

<sup>2</sup> poeta, artista visual, crítica literária, professora e pesquisadora. Doutora e mestra em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura (UFBA). Integra o conselho editorial do Selo Das Pretas (Editora Segundo Selo). É autora do livro-objeto "Procurem Luisa no Mercado de Arte Popular" (Estúdio Arumã, 2021) e uma das organizadoras dos livros "Feira de Santana Negra" (Editora Segundo Selo, 2021) e "Rasuras Epistêmicas das (Est)Éticas Negras Contemporâneas" (Organismo Editora e Grupo Rasuras, 2020). Participou, dentre outras publicações, da Revista Organismo (nº 10, 2022) da coletânea "Poesia Hoje: Negra (p-o-e-s-i-a.org e UNICAMP, 2021)" e da reunião de crônicas "De Bala em Prosa: Vozes da resistência ao genocídio negro" (Elefante Editora, 2021).

<sup>3</sup> poeta e professor, soteropolitano do bairro da Liberdade. É doutor em literatura e cultura - UFBA, onde integra a coordenação do grupo de pesquisa Rasuras. Atua como pesquisador na área de Literatura brasileira, a partir das áreas de colonialidade, modernismo brasileiro e literatura negra. Foi docente na UFBA, na UNEB e no IFMA. Hoje, integra o corpo docente da UESB e do Instituto Federal Baiano, onde compõe a direção do Neabi/Itb e do grupo de pesquisa Perifa. Publicou, como organizador, o livro "Contemporaneidades Periféricas" e foi co-organizador, das publicações: "Rasuras Epistêmicas das estéticas negras contemporâneas", e Revista Fólio/UESB, com o dossiê: "O devir negro na literatura brasileira". Atua, também, como editor coordenando as coleções: Novos baianos, contemporaneidades periféricas e a Revista de literatura brasileira contemporânea - organismo.tor.

resistente ao amor, à paixão, ao prazer, à compreensão do amor como liberdade. Esse desencontro ou esse encontro desajustado, reticente, é uma realidade nos contextos de apaixonamento e de envolvimento amoroso de pessoas negras? Percebo que há sempre uma tentativa no livro como um todo, mas nessa seção em especial, de incentivar a entrega sem restrições, a experiência da humanidade que deseja, que pode ser desejada e que pode encontrar recíproca no encontro. Amar, essa aventura, é sempre estar rodeado (a) desses riscos? Por que amar é uma aventura?

Uma vez, vi um militante muito conhecido e respeitado dizendo que não perdia tempo com a paixão. Achei muito corajoso, mas achei ainda mais triste. Tão triste. Muito triste.

*Cuti – Em todos os livros de poemas que publiquei até hoje, o relacionamento afetivo/sexual se fez presente. É um aspecto do meu trabalho que poucas pessoas dão importância. Certamente deve ser pelo fato de eu trabalhar a questão racial que, pelo viés sociológico tradicional, não se comunica com o universo dos afetos, ou porque a recepção crítica não considera o como eu trato o assunto. Em Axéconchego, nesse quesito, os poemas procuram alertar também para o “fuzuê”. Somos um país de maioria cristã. Além disso há na cultura brasileira uma forte influência do romantismo. Os quase quatro séculos de escravização racial nos legaram o banzo, a profunda nostalgia gerada pela perda da terra, da liberdade e da cultura original. O racismo impôs desde sempre o afastamento racial entre as pessoas e/ou o rebaixamento das pessoas negras. Além de tudo isso, a tradição patriarcal machista está muito presente em nossa cultura, desde sempre. Assim, temos um conjunto de fatores para dificultar a relação amorosa. São inúmeros os percalços associados aos padrões de um país capitalista periférico que reforça a coisificação do ser humano – herança escravista – e, assim, o impulso para o descarte de objetos projeta-se nas relações, bem como a disputa entre homem e mulher atua como uma ordem não explícita, uma ordem do individualismo, mas, principalmente da reação conservadora em face do movimento feminista que busca libertação. As dificuldades estão postas. O sofrimento cristão é associado à “aventura de amar”, que é aventura porque se teme o que pode advir, os “riscos” do caminho, como se houvesse uma via-sacra para se atingir a plenitude. Ainda que tais riscos possam, em algumas circunstâncias, ser imaginários, a realidade não deixa de nos apresentar consequências de extrema gravidade, como o feminicídio, em particular o de caráter uxoricida. Os jornais e telejornais, bem como as estatísticas sobre a violência escancaram o montante de crimes “passionais”, que são, na*

*verdade, crimes de ódio. A postura defensiva das pessoas, em um contexto social como esse, é mais um sinal da priorização da sobrevivência. Seres gregários que somos, vamos em busca do outro para vivenciar o afeto em profundidade. Entretanto, somos condicionados a tomar muito cuidado. Após algumas experiências desagradáveis e perigosas, muitas pessoas desistem literalmente de se envolver com alguém. O compositor Monsueto, fez o samba Mora na Filosofia, que pergunta: “Pra que rimar amor e dor?” Outro, Umberto Silva, compôs também um sucesso, intitulado Ninguém é de Ninguém. Ambas composições contestam com sutileza esse conjunto de condicionantes que atuam nas relações afetivo-sexuais. São obras antigas demonstrando que, assim como eles, sambistas continuamente tratam de relacionamento mais do que qualquer outro tema. No samba há reiteradamente a queixa da perda do ser amado por traições ou rusgas, vinganças e até agressões físicas. Em toda cultura popular a dor de amar se apresenta e os argumentos são diversos. A poesia brasileira não é diferente. Mas, o ramerrão da queixa carece de outro sentido, de uma reação em busca da libertação daquelas amarras todas. O dia a dia é múltiplo de situações. Meus poemas procuram traduzir isso. Nos casos em que há o contraponto entre um sujeito que se comunica diretamente com um (a) receptor (a), trata-se de uma reflexão sobre o próprio relacionamento e uma posição assumida pelo “eu” lírico em defesa de sua vida diante da prática da crueldade levada a efeito pela pessoa amada, o que denuncia o caráter sádico embutido na forma de amar como quem se apropria do outro ser. Aliás, essa postura traz a memória coletiva do escravismo. Muita gente ama como quem escraviza. Considerando as condicionantes adversas, o incentivo à entrega aponta para a superação dos apegos autoritários e das relações tóxicas. Com relação ao desencontro entre pessoas negras, destaco que o racismo opera dentro de nós para que tenhamos ódio do nosso próprio reflexo no espelho ou nas pessoas de fenótipo semelhante. Se quase toda a relação afetiva/sexual apresenta algum aspecto assimétrico, os ditames condicionais racistas instauraram em nossa subjetividade a fantasia do branco enquanto centro dos impulsos desejantes. Até as tantas quantas imagens da divindade única carregam a brancura enquanto marca. Isso tende a causar um desajuste emocional nas relações, uma expectativa frustrada de não ter encontrado na parceria negra o espelho da brancura inconscientemente desejada. Sobretudo em pessoas de baixa autoestima essa frustração costuma acontecer. Com o reforço da identidade negra esse quadro vem mudando, graças a excelentes iniciativas com publicações como “Gostando mais de Nós Mesmos”, do Quilombhoje, e “Cada Fio uma História”, da Jana Guinond com a Nina Silva. E na poesia, a*

*reconstrução da autoestima negra tem sido um fator muito importante. Lutar contra esse desamor entre nós negros pressupõe estar consciente disso. Apaixonar-se é um mergulho do acaso em um lago de condicionamentos culturais. As ondas que se formam para a sua expansão batem em muitos obstáculos e voltam-se contra os amantes. Em si o amar é agregador, mas os regramentos preconceituosos e punitivos o tornam egoísta. No meu livro o axé e o aconchego querem se fundir em consciência transformadora, em outros termos, denúncia e proposição, inclusive em termos de afetos.*

II. Maria Dolores: Experimentar o tempo, ao contrário das imposições, é diferente pra grupos sociais distintos e pra indivíduos distintos. Mesmo que subordinados (as) a um tempo geral, ordinário e regulamentado, nós encontramos jeitos distintos de viver a experiência do tempo. Os capítulos, as seções do livro, expressam essa mediação que a poesia consegue estabelecer com temporalidades distintas. De forma mais assertiva, como sugerem os títulos (“Futuro como direito e conquista”, “Tempo que se vive, tempo de fazer saídas”), mas de outras formas também. O futuro, que chega abrindo o livro, também está presente na possibilidade de amarmos – conectando o primeiro e o último capítulo/seção. Os “tambores do futuro fazendo o presente/ não ser alvo/ como foi o passado”. Como a sua poesia lida com o tempo? É uma pergunta bastante abrangente e, talvez, uma pergunta impossível e, por isso mesmo, uma pergunta que ocupa um lugar-comum. Melhor reformulá-la para: como o poeta Cuti lida com o tempo? Existem muitas temporalidades que conversam e convergem, mas também há um limite para essas temporalidades. Qual o lugar do passado em sua poesia? Existe passado?

*Cuti: Todo ser humano é fusão de tempo e espaço. A noção de tempo difere muito nas culturas. A partir de um ponto de minha atividade literária, comecei a me interessar pela temporalidade enquanto conceito. Minha formação educacional foi balizada pela noção tripla da temporalidade – presente, passado e futuro. Sou fruto disso. Enquanto poeta negro isso significa: indignação, indignação de novo e esperança ativa. O passado coletivo, no entanto, está repleto de motivações de esperança ativa, orgulho, sabedoria. É preciso resgatar e não perder de vista a positividade do passado e também do presente. A formação discursiva dominante me influencia também, pois ela que ditou e dita as articulações linguísticas que somos obrigados a usar para nos fazer entender. Porém,*

*sabemos que estamos diante da memória enquanto passado, da imaginação, enquanto futuro, inseridos em um presente eternamente móvel: o gerúndio, único tempo verdadeiramente real. Aí, venho procurando inserir o meu ofício, fazendo dele uma fruição do contínuo da existência, que nos angustia com seus mistérios e, por isso, nos torna inimigos uns dos outros, da natureza e da vida, enfim. Ninguém quer morrer. O pavor da morte é o nosso desconforto maior. Daí todo o acumulado mítico e místico prometendo a eternidade. O efeito anestésico é funcional. Mas, como eu disse, o gerúndio é a nossa condição existencial. Os povos tradicionais estão mais perto do viver vivendo, certamente por sua ligação com os movimentos da natureza, em relação aos quais as populações urbanas estão mais apartadas e, por isso, se desesperam com a impermanência própria de todos nós. Essa minha procura passa pela sensibilidade, pelo trabalho para um melhor desenvolvimento da autopercepção e da percepção do mundo. Exige treino, pois minha vida também, como a da maioria, foi pautada pelo movimento de absorção de condicionamentos preexistentes de sentir. Na literatura procuro exercitar essa noção de tempo que flui. Com a prosa é um pouco mais difícil. Com a poesia isso se dá com menor dificuldade pela sua propensão de se realizar como um fluxo associativo de ideias, imagens e sons.*

- III. Maria Dolores: Costumo ser ainda mais chata que alguns ateus e faço isso acusando-os de etnocêntricos porque o “Deus” que eles argumentam não existir é um Deus vinculado à uma cultura, a um pensamento e à vida ocidental. Existem outras experiências de fé e julgar que Deus é sempre o mesmo me faz pensar nesse etnocentrismo. As poetisas e os poetas têm um longo diálogo com esse Deus também. No entanto, na sua obra, o senhor evidencia não a experiência divina, mas a experiência religiosa, dogmática, servil, junto a um desencantamento que o senhor expressa nos poemas, muita desilusão, falhas e fraturas expostas. E aí, aqui no meu lugar de leitora, que também é um lugar divino, porque a leitora, assim como a escritora, também cria, fiquei pensando nessa religião vampiresca, degradada e falida que o senhor critica... Existem muitas experiências religiosas no mundo. As quais experiências religiosas o senhor atribui os versos, os vários versos, em que fala da religião sempre como essa espera ingrata, ofertada por aproveitadores, que é servida pra nos distrair, nos ludibriar, nos enfraquecer?

*Cuti: Como escritor, tenho plena convicção que não sou divino. Os imortais da Academia Brasileira de Letras morreram e morrem como qualquer outro ser. A obra não é o autor. E ninguém é um conjunto de dados como estão tentando vender por aí. Quanto às experiências de fé, nem sempre elas são ligadas a uma instituição religiosa, a um dogma. Há uma necessidade de transcendência que, submetida ao controle dos intermediários humanos das divindades, pode se transformar em qualquer outra coisa, como por exemplo crimes, guerras, missões de paz, propagação do amor ou do ódio, etc. Uma vez capturada por uma organização dogmática, aquela necessidade se transforma em energia moldável. As religiões foram criadas por seres humanos, assim como os deuses todos, em determinadas épocas e lugares, e propagadas por organizações estatais ou particulares. Para quem acredita, há uma barreira, às vezes intransponível, para a dúvida, pois a crença implica em não conceber a dúvida, pois esta é a sua antítese. O ser humano, pelas limitações sensoriais e pavores atávicos necessita de mitos. Por isso os inventa. Se não sabe o que é trovão, inventa um deus. Se tem medo que a colheita será um fracasso, inventa outro. E, assim, a humanidade vem parindo deuses ao longo da história. Com isso, acumulamos – como chamei em um poema – um “arsenal de crenças crônicas” altamente explosivo. A condição humana é insólita, até mesmo pela nossa constituição prematura quando nascemos, carecendo mesmo de uma verdadeira segunda gestação fora do útero, repleta de cuidados. E quando viramos as costas para o restante do universo e para as evidências postas, a vida social com seus conflitos absorve quase toda a nossa capacidade de pensar e de sentir. Tal absorção se configura como uma fuga, uma fuga pelo que imaginamos ser a salvaguarda da nossa sobrevivência: estar sempre fervilhando em crenças. Isso é o resultado de nos submetermos às narrativas confortadoras que, igual a esponjas, sugam momentaneamente nossas inseguranças perante o todo do qual fazemos parte, mas acabamos por nos pretender à margem. Enquanto conforto, as experiências transcendentais das mais diversas formas de religião ajudam, sem dúvida, a suportar o peso do mistério que nos envolve diuturnamente, por mais que lhe viremos as costas. As religiões, com seus regramentos, acabam nos ajudando também no campo da ética e de certos autocuidados. Porém, como elas têm o pré-requisito da obediência servil, tornam-se uma porta aberta para a manipulação dos poderes instituídos, além de suas normas prejudiciais ao convívio com o diferente. Ditadores e tiranos de todos os tempos e lugares sempre fizeram uso da religiosidade para impor seus ditames. Daí a minha preocupação em fazer a crítica a este ponto de fragilidade a que as pessoas são levadas ou levam a si*

*mesmas. Hoje está mais do que presente em nosso país o uso comercial e eleitoral da fé. Quem usa sabe do que o crente tem necessidade, principalmente da consideração social e segurança ontológica. Assim, oferece um substituto falso, prometendo riqueza e paraíso. Os livros monoteístas, metafóricos e datados que são, acabam por serem fartos em possibilidades interpretativas. E, infelizmente, os rituais, em sua maioria, não conseguem barrar as interferências manipuladoras. E o fanatismo monoteísta está influenciando todas as outras formas de religiosidade. Daí que, a cada dia, estamos nos deparando com gente alardeando a sua fé como se fosse uma arma. Isso demonstra o conteúdo bélico da maioria dos credos. Deuses que matam, se vingam, são ciumentos, instigam a vingança etc. A predisposição religiosa para a obediência irracional torna a fé uma presa fácil do poder. Aliás, sacerdotes das mais variadas religiões historicamente estiveram e estão ao lado dos poderes instituídos, legitimando-os. Estados teocráticos ou teocratizantes estão presentes em várias partes do mundo. E nós, aqui, estamos vivendo uma experiência similar. Religião como desculpa para a pilhagem contra, sobretudo, os mais pobres. Assim, cabe à literatura colocar em discussão o uso que vem sendo feito das religiões, até mesmo no sentido de contribuir para libertá-las de seus conteúdos destrutivos, de sua identidade voltada para a guerra e para uma permanente constituição de inimigos, ou seja, aqueles que não professam a mesma fé ou nenhuma. Repensar as religiões, para que elas deixem de produzir ódio em nome de suas divindades, é um dos caminhos para uma cultura de paz e de sustentabilidade no planeta.*

- IV. Maria Dolores: Sinto, no livro, que há um passeio produtivo dessa pessoa negra que ora mostra-se em sua individualidade, única e singular e ora mostra-se como também é: uma coletividade, um grupo incoeso, mas, ainda assim ou por isso mesmo, comunidade, povo. Essa mecânica observada na poética de muitas autoras negras e muito autores negros, essa vocalidade que se coloca na impossibilidade de uma singularidade absoluta, também pode ser encarada como uma grande encruzilhada ontológica em que somos convocadas à luta por direitos, ao enaltecimento de nossa história coletiva, mas também não podemos ser apenas um corpo negro, como o senhor diz, somos pessoas. Pessoas são controversas, pessoas são falíveis, pessoas são imprevisíveis... Como é estar nesse trânsito onde uma coisa parece não se relacionar tão bem com a outra e onde esses adjetivos – “falível”, “controversa”, “imprevisível”,

“reticente” – parecem ser características impossíveis para uma atuação que se quer coesa, previsível e, até mesmo, infalível?

*Cuti: Os estudos da questão racial no Brasil iniciaram-se na antropologia racista, que catalogou a população negra como se fazia com animais e plantas. Nossos antepassados eram considerados seres sem subjetividade, como fazemos com os bichos. Foi, e ainda é, um apaziguamento ético para o imperativo da crueldade dos brancos, visando à manutenção de seus privilégios. Fomos e somos concebidos pelos racistas tão somente como matéria, pois, pela concepção de ser humano preponderante, o espírito ou alma corresponde a uma instância superior. Negros, indígenas, mulheres, lgbtqi+ pertencem, por essa visão, ao mundo dos corpos, são corpos. Se eu digo: “No caminho ele encontrou uma pessoa caída.” E depois, “No caminho ele encontrou um corpo caído.” Qual a diferença entre as duas frases? Na primeira, a palavra “pessoa” tem o significado de possibilidade de estar viva. Na segunda, não, o termo “corpo” significa o resto de alguém que um dia foi uma pessoa. Essa cisão do humano em duas instâncias, a imaterial e a material, é o princípio da hierarquia. Há, portanto, seres humanos que são vistos pelos racistas, sexistas e machistas, como coisas, objetos para uso e abuso. Na escravidão as palavras usadas eram “peças”, “lotes” para se referir a nossos antepassados. Isso está presente na linguagem até hoje. Nós negros, por falta de consciência crítica, muitas vezes repetimos o que nos é ensinado. A expressão “corpo”, usada para nossa auto referência individual e coletiva, é como o branco racista nos vê e viu nossos antepassados. Isso nos foi e nos é imposto por um condicionamento cultural permanente. O principal mecanismo do racismo é fazer com que nós mesmos produzamos a nossa depreciação. É preciso muita consciência de linguagem para desconfiar dos modismos linguísticos que surgem em nosso meio. Por outro lado, os racistas consideram que cada um de nós é equivalente ao outro. Ou seja, para eles não temos singularidade, somos sempre vistos como coletivo. Os álbuns de suspeitos que existem nas delegacias de polícia servem para se acusar qualquer um que se “pareça” com aquele (a) que cometeu um delito. Essa é a porta de entrada para o encarceramento de milhares de pessoas inocentes. A individualidade negra não existe para a mente racista. Na poesia negro-brasileira muitas autoras e autores articulam em seus textos a relação entre o individual e o coletivo, como uma forma de se contrapor a tal visão reducionista. Mas, não há individualidade absoluta, como não há coletividade absoluta. Há, sim, a dialética eu/nós o tempo todo. Por outro lado, saliento não ser saudável, o particularismo racial*

*negar a nossa participação na espécie humana ou ser indiferente a ela. A identidade negra deve, sem deixar de visualizar-se, ser identidade da espécie humana. A falta de informação sobre a evolução tenta sustentar uma visão afeita ao poligenismo, ou seja, de que não há uma procedência comum entre os humanos. Ao contrário disso, as evidências da genética já confirmaram as hipóteses da paleontologia de que o gênero humano, com suas várias espécies, surgiu no continente africano. Isso foi um grande golpe naqueles que acalentavam uma origem para cada “raça”. Os racistas revidaram com várias pesquisas falsas, negacionistas, mas perderam. Foram desmascarados. Porém, o conhecimento ultrapassado continua na cabeça das pessoas, inclusive de professores de história. O monogenismo ainda enfrenta reações, mas as suas evidências são robustas. Com elas os racistas ficaram um tanto perdidos e mais agressivos. Imagina um branco racista saber que sua medula pode ter compatibilidade com uma pessoa negra, estranha a ele, e não com alguém de sua própria família. África é o nascedouro da humanidade. Lá surgiu o gênero humano e, dentre várias espécies, a nossa, o homo sapiens que se espalhou pelo mundo. Não considerar isso é fazer da própria identidade uma contraposição à identidade humana. Sei que, há muito tempo, a noção de identidade racial e de gênero tem sido combatida por intelectuais de vários espectros ideológicos. No campo literário houve até um boom promocional do sujeito fragmentário, como uma forma de avacalhado do esforço restaurativo da autoestima daqueles que a tiveram historicamente vilipendiada. Se a subjetividade é um aglomerado de fragmentos, então não haveria razão para se buscar a identidade com outras pessoas. Mas, apesar de seus detratores, os movimentos sociais alavancaram a demanda subjetiva de pertencimento no campo racial e de gênero. E, hoje, muita gente está se vendo com mais alegria, construindo identidades coletivas e, com isso, nosso país vai conviver melhor consigo mesmo em termos da própria identidade nacional.*

- V. Maria Dolores: Na orelha escrita por Jorge Augusto, ele aponta pras múltiplas faces do intelectual negro, da intelectual negra, que são também a artista negra e o artista negro, sem distinção. Jorge aponta pro fato do senhor, Cuti, conseguir elaborar muito bem isso em toda a sua obra – o poeta é o intelectual e vice-versa. Sabemos que o ensaio, talvez, seja o modo melhor articulado com esses dois lugares e por isso o senhor também é ensaísta. Um ensaísta muito bem sucedido. O ensaio, por conter em si a negação de uma objetividade vazia ou a negação de ser um simples manual, um texto informativo apenas ou até mesmo a negação de uma falsa

infalibilidade que outros gêneros apresentam, consegue se ligar mais nos desdobramentos que a poesia também possibilita. Como é o trânsito por esses gêneros, por essas tipologias textuais? Imagino que não há pureza nelas e que senhor as coloca sempre em comunicação. Aproveitando o texto da orelha, gostaria de saber também se a neurose branca sobre o falso dilema ao redor do que eles chamam de “arte panfletária” ainda produz algum desconforto no senhor.

*Cuti: Começando pelo final da pergunta, saliento que sim. Ainda me traz algum desconforto, principalmente quando isso é proferido por ingenuidade, falta de consciência histórica e política e também como resultado de uma domesticação intelectual a que alguns pesquisadores são submetidos. Hoje, com a produção literária negro-brasileira em expansão, surge a urgência da avaliação, de dizer o que deve ser lido e do que não deve, do que é “boa” literatura e do que não é. Há aí, evidentemente, a cunha da ideologia racista inserta na recepção crítica, majoritariamente dominada por pessoas brancas, principalmente das universidades. Os brancos, mesmo que não sejam aparentemente racistas, trazem em sua formação a noção de hierarquia racial muito bem cristalizada. Isso influencia suas concepções de mundo e suas sensibilidades. Além disso, há o cânone branco, referência utilizada para o processo de avaliação. Pode reparar que se usa um autor branco para elogiar o texto de um negro, quando não o próprio autor. Se um texto confrontar aquela hierarquia, certamente será execrado grosseira ou sutilmente, como manda o figurino hipócrita. E isso pressupõe o uso de adjetivos como esse, ou ainda, “didático”, “militante”. Tais palavras são usadas como carimbos para desqualificar o conjunto de textos mais contundentes na crítica ao racismo. São expressões usadas por quem não quer perder a pose nem alterar seus paradigmas. Mas, felizmente há um grupo de gente séria, que se autoanalisa no ato de analisar o texto e, assim, pode se flagrar projetando rancor colonial sobre a literatura, e, dessa maneira, corrigir rumos. Quanto ao meu trânsito entre os gêneros, isso se dá naturalmente. Quando decidi estudar literatura, entrar na faculdade de Letras, fazer mestrado e doutorado, tinha como propósito, além de ter mais uma possibilidade de sobrevivência, escrever ensaios que me possibilitassem pensar a literatura. Se o ensaio me possibilita organizar as ideias em torno da minha poética, ele me distancia da sedução lúdica do conto, da poesia e da dramaturgia. Por essa razão não me deixo levar tanto pelas demandas externas, que me querem mais ensaísta e palestrante do que poeta e ficcionista. Resolver essa problemática pessoal nem sempre é*

*simples. Os gêneros se comunicam, sim, mas tenho muito nítida a diferença entre eles e procuro fazer o possível para evitar a confusão, o hibridismo irresponsável. Talvez por isso, escrevo com muito mais vagar hoje em dia. Cada tipo de texto exige uma dedicação especial.*

VI. Maria Dolores: Existe uma coisa muito bonita no *Axéconchego*, mas em boa parte de sua obra, que é o escancaramento desses sentimentos que parecem não ter lugar: o ódio, a mágoa, o rancor. Isso é uma marca da negação da nossa humanidade, mas também uma tentativa de adestramento, de colonização dos nossos sentimentos. Há uma certa vigia a respeito de como uma pessoa negra deve ser ou encarar a vida: não pode ser triste demais, nem introspectiva demais, porque os negros são alegres e extrovertidos. Não pode ser alegre ou otimista demais porque, além do senso de realidade sobre a tragédia que nos ronda sempre, também parece ser ruim ser feliz demais. Fanon diz que o importante é deixar a pessoa negra ser. Apenas ser. Seus poemas também me fizeram pensar nesses sentimentos (mágoa, rancor etc.) como marcadores temporais. Esse “mar de mágoas”, essa “maré de mágoas”, esses “rancores reativos”, como aparecem em alguns poemas, esses sentimentos todos são portais diretos pro que chamam de passado (“produziu muitas marcas”, “chagas seculares”, “ecos de nossos cacós”, “indizível dor”). Eles atuam como um dispositivo que nos puxa, nos devolve a momentos ruins do passado. De algum modo, esses sentimentos nos prendem ao que já passou também. Pelo que conheço da sua obra e da sua trajetória, o senhor não costuma escapar desses sentimentos e faz muito bom uso deles. Estou errada?

Cuti: *A minha poesia não escancara sentimentos. Ela pontua e levanta o véu. Sentimentos são atestados de humanidade e não o contrário. Humanidade no sentido de espécie, não como sinônimo de bem ou de mal. A colonização de nossos sentimentos se faz com o abafamento deles, com a proibição de sua expressão. Se uma pessoa lê meu trabalho e se sente desconfortável, não posso dizer que ela está errada ou certa. Há uma personalidade na leitura que é insubstituível, mas que muitas vezes pode ser transferível. Quanto ao lado difícil da vida em luta contra o racismo, digo que quase sempre não se cura uma ferida sem percebê-la, sem cuidá-la. Quando lemos um livro, algumas coisas ficam. São as mais significativas para nós. É possível elencar aspectos outros em *Axéconchego*: “melanina*

*sendo irmanada”, “comboio de amor e paz”, “é o XXI o século libertário”, “mas é a liberdade quem sopra/o novo tempo”, “vida é puro encanto/entre riso e pranto”, e assim por diante, propostas para seguir. Na sociedade várias fugas são apresentadas para que esqueçamos o passado e o presente difícil. Mas, elas nos levam para a alienação. Usar droga para fugir dos problemas é uma delas. Não resolve nada, só agrava. Se há problemas, penso que é melhor encará-los. E isso não significa se aprisionar a ponto de não expressar nem praticar a alegria de viver. Mas essa alegria muitas vezes é confundida com o auto escárnio. Ninguém que despreza a si mesmo pode colher os prazeres de existir, de sentir-se plenamente realizando-se como pessoa. Como nas relações raciais predomina a hipocrisia, há uma tendência acentuada para que façamos vista grossa para os problemas que nos batem à porta diariamente. Muitas pessoas negras são auto hipócritas, enganam a si mesmas para não encarar seus conflitos raciais. Penso que é enfrentando tais dificuldades é que se pode viver melhor, sem sentir culpa pelo racismo, sendo vítima dele. Assim, Axéconchego acolhe, quem lê, no senso crítico e não na alienação ou hipocrisia. E busca vislumbrar caminhos ao alertar para o que nos impede caminhar livremente. O que já passou ainda não passou. A escravidão está no conjunto de violências que se abatem sobre nós diariamente. Falar e propor diálogos a respeito é o que promove a superação. O silenciamento dos conflitos só os agrava. Tentar se esconder e ter de viver fugindo. Faço literatura pensando em promover o senso crítico e a soltura das amarras.*

- VII. Jorge Augusto: No livro *Axéconchego* identificamos uma vontade de diálogo franco e aberto com xs poetas negrxs, em duas frentes: primeiro discutindo o próprio poema, seus usos e sentidos na escrita negra, e depois a relação do poeta com as mídias sociais da internet. No primeiro caso, o fazer poético é abordado sobre uma perspectiva negra, na qual o prognóstico seria: é necessário ter coragem para encarar as demandas da comunidade negra, cumprir a missão de falar diretamente com a população e promover sua comunicação com os demais grupos sociais, pois “a dor coletiva/aos poetas pede /unguento”. No segundo, a internet, com seus flashes instantâneos, seus cinco minutos de fama e sua diluição do senso coletivo na busca egóica dos likes, parece se opor à função mesma do poeta negro. O que parece estar em jogo nessa abordagem é a oposição entre a virtualidade/individualidade da participação nas redes sociais da internet e o caráter coletivo/comunitário que deve gerir a produção do poema negro.

Nesse sentido, alguns poemas dessa parte do livro me parecem soar como um alerta e um chamado para o entendimento de que o lugar privilegiado de militância para a literatura negra não está nas redes sociais, mas na literatura, na linguagem, na língua. Eu gostaria que o senhor falasse sobre essa relação entre poesia, redes sociais, militância e mídia, a partir do que expôs nos poemas do *Axéconchego*.

*Cuti: Tenho dificuldades com as redes por falta de conhecimento técnico refinado. Ainda bem que conto com auxílio de pessoas de boa vontade. Desde que me iniciei nas redes sociais, comecei a perceber quão sedutora elas eram. Depois de algumas reportagens e ensaios que li, fiquei um pouco mais inteirado do funcionamento viciante ali inserido. O uso das redes de computadores me reporta a um livro do Marshall McLuhan, que precisei estudar no primeiro ano de Letras, e também às ideias do psicólogo Skinner, um behaviorista. Muitas transformações foram realmente previsíveis. O controle da mente humana que se pratica nas redes de computadores é compreensível a partir dos condicionamentos programados. Eu também havia lido o livro 1984, de George Orwell, que havia me impressionado bastante. Com a expansão das inúmeras plataformas e sites, é possível utilizar o meio virtual para disseminar também o texto poético, inclusive para criticar o próprio meio. Estamos em pleno reinado de Narciso, no qual pessoas estão apaixonadas por si mesmas como nunca, inclusive sem respeito por si. O “eu” está sendo a medida de todas as coisas. Essa auto sedução e o consequente exibicionismo vão contribuindo para uma sociedade autista. Vejo também o excessivo empenho da propaganda pessoal e de seu produto. Acho tudo isso um péssimo uso das redes, a perda de vergonha na cara, um vale-tudo pelos likes, uma luta pela sobrevivência da aparência. Por essa razão, indignando-me, inspiro-me e escrevo alguns textos que traduzem meus incômodos e tecem críticos a tanta dependência dos meios virtuais. Nesse sentido, quanto à militância, penso que ela caminha, porém, em certos casos como uma propaganda desembestada. Tudo o que parece com aquilo que a pessoa advoga ela manda para frente, compartilha. Esse dinamismo todo desemboca no automatismo, ou seja, na redução da capacidade crítica. Todo comportamento é anotado pelo algoritmo, vira informação vendável. Há, assim, uma overdose informativa que anuncia crises e mais crises individuais e coletivas. Tem faltado pausa para reflexão. A aceleração da vida como estamos vendo é o indício de perturbações mentais cada vez maiores. E a militância, na ânsia de atender a essa velocidade, vai se tornando irreflexiva. Isso é ruim para os movimentos sociais,*

*embora eles tenham nas mãos uma ferramenta importante para disseminar ideias a um número cada vez maior de pessoas. Gostaria também de chamar a atenção para a forma da comunicação. Mcluhan, com sua frase célebre – O meio é a mensagem – ainda é atualíssimo. E a militância mais precária em recursos não leva isso em consideração. E precisa substituir a falta de recursos por criatividade. Se não fizer isso, todo o esforço é em vão. Quanto ao que conhecemos como mídia, no campo digital, vejo com muita alegria a organização de grupos de formação política. É isso que o povo brasileiro precisa: formação política. Ainda que a grande mídia tenha seus atrativos extremamente persuasivos – lembremos que “o meio é a mensagem” – vários artistas nessa área estão se revelando e criando uma persuasão alternativa. Hoje, é preciso dar muita atenção à questão estética da mensagem. Senão ela pode ser muito importante, porém não atrai. O mundo virtual é essencialmente imagético. Depende da primeira impressão da imagem. Isso não é elitismo. É buscar a sedução própria da ação comunicativa. No tocante à poesia negro-brasileira, especificamente, não atribuo a poetas nenhuma missão salvadora da coletividade. Apenas a considero uma potência de iluminação crítica, principalmente para as pessoas que ainda consideram o racismo um tabu. A desarticulação das concepções racistas que estão inseridas na língua que falamos todos os dias, com a qual também escrevemos, é uma conquista desse veio negro-literário. E nisso a metalinguagem funciona como um convite para o conhecimento da própria elaboração poética e do que ela envolve.*

VIII – Jorge Augusto: Ainda no *Axéconchego*, na seção: “futuro como direito e conquista”, nos pareceu que o senhor investe no link entre a história e o presente de violência da população negra no Brasil, mas não se trataria como parece, de denunciar, exclusivamente, a condição de vulnerabilidade e exclusão que vivem as populações negras, o que está presente nessa e em outras obras suas. Mas nesse caso creio que junto a denúncia do genocídio negro, da precariedade psíquica, como efeito do sofrimento contínuo, a estima ferida, os nossos paradoxos, o senhor parece convidar xs outrxs escritorxs negrxs ao diálogo, a partir de uma “interpela-som”: *você acha que pode contribuir para resolver essas questões históricas que nos matam, sem um compromisso sério com a linguagem? Você acredita, escritor negro, que a militância das redes virtuais e suas armadilhas pode ser decisiva para desarmar a estrutura racista desse país?* Gostaria que o senhor falasse sobre esse papel da linguagem da produção de uma emancipação

coletiva negra, e dissesse como enxerga esse trabalho na literatura negra que tem sido produzida, hoje, no Brasil.

*Cuti: Jamais tive a intenção de fazer da minha poética um regramento para demais artistas da palavra. Escrevo por ser a atividade na qual me realizo como pessoa. Faço parte da história ciente de que a história se articula com a literatura o tempo todo. E a história é feita de linguagem, assim como a literatura. Pensar a linguagem, refletir sobre ela é algo fundamental para todas aquelas pessoas que, como eu, se dedicam à atividade escrita. Por outro lado, não tenho ilusões milagrosas para com a literatura, nem com a militância nas redes sociais. Veja, estamos presenciando a destruição do planeta. O racismo é parte disso. Destruir florestas e ecossistemas tem tudo a ver com a destruição das comunidades indígenas e quilombolas. No fundo, é uma visão do mundo baseada na oposição entre o ser humano e a natureza. É uma oposição também entre o “eu” e o outro, uma necro-oposição, que se desdobra em pretensa oposição assassina do planeta contra o restante do cosmos, contra os possíveis alienígenas. Operar por oposição destrutiva é ser contra a convivência pacífica entre os povos. A nossa experiência por mais de trezentos anos de escravização nos levou, a partir da herança trazida de vários povos negros, a articular formas de convivência e estratégias de solidariedade que são exatamente contra essa visão imposta no mundo e baseada no atavismo da pilhagem, do roubo. Essa mentalidade trabalha com o princípio de uma linguagem imperativa, o formato da ordem. Não é, portanto, dialética nem dialógica, mas monológica. Desenvolver consciência de linguagem, para quem pratica literatura, é premissa. A recepção hegemônica coopta autorias o tempo todo. O que se afina a ela é saudado com benesses de todo o tipo. Ela exige o reforço aos estereótipos, sobretudo do miserável, do bandido por natureza e do pai-joão; ela nega a singularidade do “eu” lírico ou da personagem negra, principalmente enquanto protagonista; ela reage a qualquer manifestação que ponha em dúvida a hierarquia racial normalizada e normatizada nas mentes. E é com a linguagem, com a arte do arranjo dos vários códigos de comunicação, que ela opera suas ações. Escrever é arranjar palavras, é organizar e desorganizar o que é dado como fixo. O que tento fazer é cultivar a lucidez em prol de um mundo sem racismo, sem machismo e sem homofobia. Para isso, procuro dar atenção à interseccionalidade no plano linguístico. Somos ainda uma população que não lê. A comunidade de leitores negros faz parte da comunidade militante, embora tenha um perfil mais reservado. Militantes que leem e leitores que*

*militam são decisivos para a transformação social. São pessoas que afirmam o aprendizado permanente e a prática de construção do futuro. Eu enxergo a literatura negro-brasileira como a um farol para a população brasileira como um todo, incluindo aí os brancos. Há uma maior diversidade de gente produzindo do que na década dos anos 1970, quando retomamos algumas iniciativas da imprensa negra do passado, onde se davam as publicações literárias e autores se reuniam. No aspecto de conteúdos que estão sendo apresentados, ainda há uma forte ênfase para a denúncia e menor para a proposição. Isso é algo que precisa mudar. O pêndulo precisa girar mais para o lado proativo. Por outro lado, creio que o pensamento mágico é um tendão de Aquiles que nos fragiliza. As soluções para nossos problemas seculares não virão como um passe de mágica, nem como milagres. São inúmeros os textos que apostam nisso, poemas que, parece, terem saído de ritual religioso com um propósito de exaltação litúrgica. Para mim se trata de uma fuga da realidade, uma evasão. No campo da prosa literária encontramos soluções para o conflito narrativo calcadas em determinismos fantasiosos, tais como avisos, sonhos reveladores, interferência dos mortos etc. Soluções apelativas desse tipo fogem da lógica da própria história, impondo o arbitrário, o que em crítica teatral se conhece como a interferência do “deus ex-machina”, ou seja, um recurso inverossímil. Do ponto de vista ideológico tais recursos acabam por negar o caminho político e racional das soluções dos problemas, que dependem de estratégia, sensibilidade e ação. Penso que estamos carecendo muito de encontros de escritores que não sejam meras vitrinas para leituras de textos e troca de elogios mútuos, mas que se constituam de discussões de ideias que envolvem a criação literária e seus aspectos mais viscerais. Mas, isso hoje está um pouco mais difícil. A busca do sucesso rápido pelos likes tem cegado um pouco as pessoas. Contudo, há inúmeros textos importantíssimos para a reflexão sobre a vida, construídos com muita consciência de linguagem. Meu desejo é o de que quem escreva leia muito, pois é assim que constituiremos não apenas um número maior na autoria, mais sobretudo mais eficiência textual, em termos estéticos e ideológicos.*

XIX – Jorge Augusto: Na seção denominada “tempo que se vive, tempo de fazer saídas”, o senhor parece apontar os valores éticos e os caminhos necessários à transformação da condição negra, no Brasil, para aqueles que toparam o chamamento da parte anterior e seguem a leitura do livro. Logo no início a consciência como meio de libertação aparece no poema “Não à refeição de abismos” e, em seguida, é oposta a busca da salvação pela fé

no poema “Questão de fé”: o campo místico e o misticismo como tábua de salvação são duramente criticados no poema. A argumentação dialoga com a lição fanoniana na qual a perspectiva histórica é a única possível para subsidiar as movimentações necessárias à emancipação negra. Essa emancipação, conforme sinalizado no “Axéconxego”, pode vir aos poucos, como aponta o poema “Um quadro de Debret”. Ela é ligada ao combate a concentração de renda, como sugere o poema “campos de concentração de renda”, mas, acima de tudo, esses dispositivos que os poemas sinalizam como formas de resistência e produção da vida negra devem ser entendidos como exercícios de promoção da “liberdade”, como valor fundamental. Eu gostaria que senhor falasse da presença da liberdade no “Axéconxego”, o livro nos fala de uma liberdade política, afetiva e crítica, mas como produzir essa liberdade, ou como a poesia, a literatura pode nos ajudar a produzi-la de forma concreta para a comunidade negra em geral?

*Cuti: A palavra liberdade tem tido o seu sentido vilipendiado pela ultradireita. Estão enredando-o pelos arames farpados da violência. Ninguém é livre por agredir os outros. Odiar não é sinônimo de liberdade, e, sim, de aprisionamento na covardia. Ser irresponsável diante da melhoria do país e do planeta não é ser livre. Muito pelo contrário, é estar encabrestado pela ordem dominante do lucro a qualquer preço, ou seja, da milenar pilhagem. Primeiramente é necessário que tenhamos em mente que o código, a língua que usamos está aprisionada pela ideologia dominante. Esta entrevista mesmo, por conta do automatismo, deve conter uma série de exemplos disso. Então, dotar o sentido original da palavra liberdade de um conteúdo radicalmente humanista é um primeiro ponto; segundo, desamarrá-lo dos processos de alienação que levam a pessoas a cultivar preconceitos e medos da libertação dos costumes. Aqui se trava uma luta entre a modernidade mental e a tradição. Também, a ideia de futuro precisa deixar de ser uma miragem. O “fruturo” deve ser plantado agora, e o que dele já foi plantado, colhido e comido também agora. Há uma procrastinação existencial que, desde os anos 1968, vem sendo combatida. Inclusive e contraditoriamente esse combate foi e está baseado em saberes ancestrais. Só que de matrizes outras que não eurocêntricas. É falsa a ideia de que tudo está perdido. Estão promovendo isso para que as pessoas renunciem à sua capacidade de pensar e criar um mundo melhor. A poesia, atenta aos embates entre a ciência e a religiosidade fanática e punitiva, vai tomar partido, sem idealizar a ciência, mesmo porque, com desculpa de ciência muita ideologia se erigiu na história humana. A luta entre o amor e o ódio está*

*posta. Há que se tomar partido. Não se produz a liberdade com receitas, mas com o exercício da libertação de si primeiramente, o que implica em aprofundamento no autoconhecimento. Além disso, o compromisso com a libertação do outro é fundamental. Há incômodo em libertar-se, inclusive, em alguns casos, dores. Nisso, refletir sobre a escravidão nos ajuda muito. Além da porteira e do arame farpado existem possibilidades. Mas, para escapar dos limites internalizados é necessário que haja rupturas dentro de si, o que implica enfrentar os riscos do caminho. A ideia de quilombo nunca se fez tão necessária. Construir coletividades libertadas de consumismo, de preconceitos, de autoenvenenamento etc. traz em si a noção de quilombo. Profético e apologético foi o poeta José Carlos Limeira: “Se Palmares não existe mais, faremos Palmares de novo”. Isso não é mera fantasia, é factível. Mudança de hábitos, de paradigmas, de crenças, tudo é possível. A literatura que aposta nisso, com eficiência de linguagem, com trabalho estético, contribui para essa caminhada. Escritores e demais artistas, aventurando-se nos conceitos primais de “vida”, “felicidade”, “morte”, “alegria”, “eternidade”, “amor”, “sexo” etc. podem sempre contribuir para a mudança. A própria ideia de emancipação carece de um sentido libertário. O encontro mundial que está ocorrendo no campo das diferentes culturas tem também seus desencontros. Mas, mesmo com idas e vindas, hoje se pode olhar a cultura do outro mais de perto e cotejá-la, experimentá-la, perceber o que dela possa nos interessar. A curiosidade inata nos conduz a isso e o desejo de ir além. Penso que seres humanos são vocacionados para a liberdade. Se perguntarmos do que nós negros brasileiros devemos de nos emancipar, temos aí um longo inventário a fazer e que coincida com as propostas de uma consciência planetária para outra concepção de relações humanas que não sejam autodestrutivas. Nesse sentido, é preciso que consideremos sempre a experiência extrema vivida por nossos antepassados durante quase quatro séculos. Colocar a escravidão, o racismo e a luta quilombola na mesa em que se pensa o futuro da humanidade é de grande importância. As relações entre racismo e capitalismo, consumismo, religião, ecologia etc muito nos importam. E o que pode o trabalho literário? Tentar ir além dos fatos para revelar o que é sistêmico, o que perdura.*

X – Jorge Augusto: As últimas décadas têm sido marcadas por um desenvolvimento do campo da Literatura Negra no Brasil, institucionalização de grupos de pesquisas voltados à temática negra, nas universidades, um conjunto de editoras surgiu, houve um aumento considerável do número de publicações, alguns autores e autoras foram

premiados, eu gostaria de saber, primeiro, se o senhor vê esse quadro com entusiasmo ou desconfiança? E, segundo, se o senhor percebe alguma transformação nas propostas ético-estéticas que marcaram o surgimento dos Cadernos Negros, seus primeiros livros, e daquela geração, para o que se produz hoje, com uma geração nova de poetas e escritorxs negrxs surgindo no Brasil.

*Cuti: Infelizmente não tenho o tempo suficiente para acompanhar como gostaria a produção que tem sido feita nas últimas décadas. Ao que tenho tido acesso dá para perceber o entusiasmo, o desejo de se dizer, de se afirmar em literatura. Isso é muito promissor. E não é só a periferia que está se manifestando. As classes médias negras também têm dado alguma atenção ao fazer literário, como também às iniciativas editoriais e livreiras. Considerando a complexidade do nosso país, toda essa movimentação ainda é muito pequena. O investimento a ser feito para conquistar leitores é muito grande e, ainda, as iniciativas são pontuais, o que reflete o quanto temos que progredir no campo empresarial da cultura. Nossa falta de tradição neste domínio está demandando preparo das novas gerações nesse sentido, além de outras áreas não culturais. É preciso disputar a produção de copo, cadeira, prego, carro, avião etc. A população negra precisa entrar na concorrência empresarial além da comida de barraquinha, de roupa africana e enfeites de moda. Mas, ainda estamos viciados na noção de que somos seres meramente culturais, entretanto, só como produtores e não administradores. No campo especificamente do livro, há uma cadeia desde a produção do texto até que ele chegue ao leitor e este leia. Todas essas etapas, muitas vezes, são cumpridas por um único indivíduo, quem escreve. Aí são necessários aprendizados a que fomos impedidos e gente de áreas como administração, economia, contabilidade etc. Daí a função importante dos coletivos e sua divisão de tarefas. Contudo, sem dúvida há avanços e, alguns, irreversíveis. Um deles é a presença cada vez maior da escrita feminina. Há um tom visceral nessa produção extremamente importante, além de uma pegada universalista que impõe a vida como fator primordial do pensar. No conjunto do que ocorreu nas últimas décadas uma desconfiança que tenho é com relação à certa ingenuidade de quem desconhece o universo literário. Vejo algumas pessoas que, ao publicarem um livro, acabam pensando que conseguiram um bom emprego, e que o salário logo virá com o reconhecimento social. Bem, a frustração é líquida e certa. Nesses casos, a pessoa vira livreira itinerante durante um tempo e, quando o cansaço bate, deixa a atividade com muita decepção, o que é lamentável. É que a literatura em um país pouco*

*letrado, de um nível alto de analfabetismo funcional, baixíssima escolaridade, não garante que com ela possamos pagar nossas contas. É preciso se dedicar muito, mas não esperar recompensa imediata. Pensar em prêmios, menções honrosas e outras coisas do gênero pode ser um outro engano, desde a classificação nos slam's, aplausos nos saraus e feiras literárias até a pretensão de academias de letras e honrarias. Agora, com as redes, aparecer na telinha é outra coisa que nos seduz e ludibria. Ser escritor em uma sociedade iletrada tem certa aura. Algumas pessoas que nunca leram meu trabalho, e que certamente nem vão ler, me reconhecem como escritor, me saúdam, às vezes até tecem alguns elogios. Mas é só firula, fantasias em torno da autoria. Isso se me iludiu um dia, não me ilude mais. Trabalhar literariamente tem muito de renúncia, é uma atividade de entrega incondicional. Se não vier nada como retorno da dedicação, toca-se o barco da mesma maneira, curtindo a satisfação da realização estética e comunicativa, o pagamento antecipado e mais importante, do qual se pode usufruir. Quanto às inovações estéticas, a tensão entre o tradicionalismo e o experimentalismo tem dado ótimos resultados. Por influxo de estudantes e professores universitários, mais afeitos à herança dos modernistas, a busca de concisão tem produzido muitos textos. Por outro lado, o crescimento da oralidade, principalmente na declamação de poesia, mas também na contação de histórias, vem incentivando textos mais caudalosos. Há aí uma briguinha estéril de alguns que querem ser arvorar donos de uma verdade estética. O que existe, na realidade, perspectivas e preferências formais. A realização é outra história. É necessário um determinado texto para análise. O resto é isso mesmo: briguinha para chamar a atenção para si e sua forma de conceber a literatura. Quanto à prosa especificamente, penso haver uma necessidade de maior inventividade no tocante à estrutura narrativa. Nesse ponto, contos e romances têm tido um modelo muito tradicional. Mais na poesia, a proliferação neológica tem sido grande. É o sinal de que estamos mexendo na língua portuguesa por dentro, renovando-a. Um aspecto importante a salientar, mais no tocante à produção editorial, é o número expressivo de antologias. Nelas há muitas experiências de linguagem interessantes, por vezes de autoras e autores novatos. É o inusitado surgindo devagar e nos aportando um horizonte criativo que já podemos dedilhar.*